

Prólogo - Depois da Tempestade

Por Maria Luiza Lima V. Boas

Depois de tudo o que aconteceu aqui, não consigo sentir mais. Talvez meu espiral tenha parado de girar. Depois da tempestade, nós ainda iremos nos encontrar.

O vento passa pela fresta da janela. Sinto quando preenche o quarto, mesmo já cheio, e invade meu cobertor. Já é manhã. Me perguntou se tudo aquilo foi apenas mais um sonho mirabolante, invenção da minha cabeça ou alguma coisa que eu tenha visto na internet, perdido em algum blog sobre.

Da minha cama, observo a janela. Uma leve cortina de chuva parece já estar se esvaindo. O mundo lá fora não tem noção do que aconteceu. Arcadia Bay costuma ser silenciosa nessa hora do dia, mas agora, sinto como se as pessoas estivessem com medo do silêncio. Como eu estou.

Algumas vozes preenchem o corredor lá fora. Os pássaros parecem clamar pela natureza. Tentando encontrar alguma explicação lógica para isso. Talvez de fato Arcadia Bay seja uma ilha ainda inexplorada. Com tesouros perdidos em seu solo e aventuras ainda não vividas. Quero ser o pirata dessa tripulação. Junto, claro, à Chloe.

Algo vibra embaixo de mim. Penso em deixar passar, mas não acho que eu consiga. Pego meu celular e verifico. Uma ligação de Chloe Price.

— Já acordou? — sua voz parece rouca. Não consegui falar com ela ainda sobre o que acabamos descobrindo alguns dias atrás. Não me parece certo tocar no assunto, então, decidi que seria melhor quando ela quisesse. Só me perguntou, quando esse momento vai chegar.

— Ainda não? - minha voz quase não sai. Ouço seu riso abafado do outro lado. - Estou morrendo. Chloe, alimente seu pirata, por favor. - A ligação cai. Ouço passos vindo do corredor. A porta é invadida por fortes batidas. — Maxine — sua voz não poderia ser diferente. Ela me leva pro agora. Para esse momento mais uma vez.

Ainda com sono, me levanto, tentando sair de meus pensamentos. Fazia tempo que não me sentia tão exausta. Não consegui regar a Lisa, minha planta de estimação, nos últimos dias. Será que ela ainda se mantém de pé? Decido checá-la. — Ainda brilha, mais que sol. — Rego-a. Não quero causar mais uma

catástrofe no mundo por não tê-la mantido viva. Em poucos meses, você aprende que se pode mudar o futuro com pequenas escolhas.

Troco de roupa, pescando-as de uma pilha ao pé da cama. Não lembro quando foi a última vez que tive tempo de arrumar meu quarto. Ainda consigo ver a tinta vermelha do spray na parede. Esse é o aviso que não se deve se manter onde não é chamado. Pena que o ignorei.

Antes de finalmente encarar o mundo, pego minha bolsa em cima da cama, mas não sem antes decidir de última hora levar a Lisa comigo. Acho que ela merece isso mais do que eu. Pego minha câmera.

No corredor, Chloe está encostada na parede defronte à minha porta. Ela segura um cigarro apagado em sua boca. Acho que é só por conta do estilo que dá. Um ar afrontoso, mas tem o coração mais mole que o meu. Disso eu sei.

— Acho que não deveria entrar aqui. Você não foi expulsa ou coisa assim? — falo enquanto fecho a porta do meu quarto. Ao lado, está uma pequena lousa branca. Não sei o que esperaria encontrar ali mas desta vez está apagado. Meus olhos caem para as mãos de Chloe, que está meio suja de tinta.

— Não acho que alguém vá ligar. O mundo tá tão *fudido*, quanto o fato de eu vim ver minha melhor pessoa. Então, *Les't Go, Baby*. — Chloe tira as chaves de seu Ford F e as joga para o ar, pegando de novo.

O corredor não poderia estar em sua pior forma. Algumas cadeiras preenchem um canto de frente ao banheiro. No chão, rolos de papel higiênico ocupam alguns lugares aqui e ali. Algumas janelas estão quebradas. A parede. Bem. Já estive melhor.

Enquanto caminhamos para fora do dormitório, vejo duas garotas falando em voz alta. Somente suas vozes são possível ouvir em todo o corredor. Não consigo dizer se as pessoas estão dormindo ou se sequer estão ali. Se ainda se mantiveram ali durante a noite ou se já saíram da cidade em busca de refúgio.

À porta, somos banhadas com a claridade do sol querendo aparecer. A chuva já parou de cair. Não sei dizer se isso é consequência de ontem. A única certeza que ainda tenho é que, minha melhor amiga de infância, não devia ainda estar *viva*. Todo esse *caos*, é por *minha* causa. Ela não deveria ter vindo me buscar. Eu deveria ter passado a noite em claro lamentando sua morte. Deveria estar recebendo mensagens de solidariedade por conta disso, com todos falando que éramos melhores amigas e que ela, agora, reencontraria seu amado pai. Que poderia finalmente deixar esse mundo conturbado para trás, sem nenhum

remorso em seu coração. Mas não. Ela está aqui, comigo e não sei por quanto tempo ela ainda estará. Todas as vezes em que nos encontramos em alguma linha alternativa, ela partia de um jeito diferente. Não quero que *essa* seja igual às outras.

Seguimos para fora do campus, em direção ao estacionamento. O lugar parece meio vazio, isolado. A tempestade que tomou a cidade ontem causou grandes estragos. A tempestade que *eu* causei. Será que se eu tivesse escolhido sua morte, isso estaria assim?

Não posso pensar nisso agora, muito menos tentar voltar para ontem. Não posso mais voltar para o passado. Não mais.

No estacionamento, algumas árvores tomam conta do caminho. A sua caminhonete vermelha é a única coisa que chama a atenção à vista. Sem muita surpresa: está estacionada na vaga preferencial, ocupando duas vagas de uma só vez.

— Como você não bateu em nada? — ficou mais impressionada ainda a forma como ela conseguiu passar por uma árvore que ocupa metade da rua principal.

— Habilidades de um piloto de fuga. — ela diz, retirando do capô do carro, um papel de alguma multa por estacionar em lugar proibido. Provavelmente vencida. Ela abre a porta do motorista de uma maneira dramática, se jogando no banco.

— Cara, mas que merda... — Já estamos quase chegando à lanchonete onde sua mãe trabalha, ou agora, trabalhava: Two Whales. O caminho do campus até lá não parece nada convidativo. Carros e árvores ocupam uma grande parte das ruas. Casa destelhadas. Muitas se tornaram desconhecidas, apenas um borrão em meio a antiga paisagem. Restos de mobílias quebradas preenchem as ruas. Algumas pessoas andam desamparadas. Sem saber para onde ir. Tivemos sorte da Academia Blackwell quase não ter sido atingida. Acabaram usando o lugar como um refúgio.

— Sua mãe está lá? — pergunto para Chloe ao mesmo tempo que ligo o rádio para ouvir o que dizem.

— Não sei. Depois que eu fui para casa ontem, ela me disse que ficaria mais um pouco lá. Não consegui dormir.

Ficamos até tarde sentadas assistindo a tudo do farol, vendo o tornado fazer seu estrago. Quando já havia acabado, decidimos voltar. Ela me deixou em

frente da Academia. Sua casa não teve um estrago tão grande. Ela me mandou fotos de uma árvore que caíra no telhado e seu antigo quintal todo destruído. O lugar onde costumávamos passar horas e mais horas fingindo ser piratas em alto mar.

— Toda vez que eu fechava os olhos, — ela fecha os olhos e balança a cabeça tentando se livrar do pensamento — eu sentia meu corpo vibrar, como se... como se ainda estivéssemos lá em cima, só vendo... — sua voz se perde. Eu entendo. Eu ainda sinto isso. Como se aquilo nunca fosse acabar. O rádio emite somente sinal de estática.

Paramos de frente ao restaurante. É irreconhecível. Se fosse visto através de uma fotografia, acharia que tivesse saído de um filme de guerra. É quase uma catástrofe natural. Tudo está igualzinho como ontem a noite. A baleia encalhada ao lado de um carro. O nome da lanchonete, ao lado do desenho de uma grande baleia, que costumava ficar em cima da lanchonete iluminando a noite com seu nome, está pela metade destruído. A pintura de uma natureza perdida no meio espaço. Sinto que não posso mais explorar essas ilhas. Suas águas, são mais agitadas do que pensei.

— Você quer descer? — Chloe abaixa o vidro da caminhonete. Não sei o que fazer. Entrar e perceber a destruição que *eu* provoquei? *Tudo*, por apenas *uma* vida? — Não. — Minha voz sai antes que eu perceba.

Ela dá ré, e seguimos caminho mais uma vez.

Ligo o meu celular. Várias notificações preenchem a tela. Meus pais me pergutando o que houve, se estou bem. Avisos eminentes de alerta. Notícias avisando sobre o ocorrido. Pessoas desaparecidas. É tudo tão triste.

— Me sinto vazia. — Dizer isso em voz alta é mais perturbador do que pensei. — Deve ser a fome. — Chloe finalmente desliga o rádio. Um silêncio preenche o interior do carro. Eu quase me sinto sufocada. — Não, Chloe. Não sei se talvez seja isso. — Me encosto na janela. Meus olhos percorrem o mundo que sobrou lá fora, mas não focaliza em nada.

Depois de alguns minutos, paramos no lixão. Ou, a segunda casa de Chloe. Apelidado por ela mesma.

Tudo está ainda mais bagunçado, do que da última vez que viemos aqui. Foi aqui. Ela ainda está aqui. Seu último adeus para Chloe, e para o mundo. O seu último paraíso na terra. Rachel Amber, que descanse em paz.

— Não gosto mais daqui. — Chloe desliga sua caminhonete. Ele encosta seus braços sobre o volante e abaixa a cabeça. - Aquele desgraçado. — Ela bate com força no volante.

Decido sair do carro. O ar ainda é sereno. Tenho a impressão de que o tempo ainda não passou. Nada ainda passou. Ainda estou presa no tempo. Junto de Chloe. Pressas em um *looping* temporal, sem sabermos *aonde* ir. Para *onde* vamos.

Um velho rádio vermelho chama minha atenção ao lado de algumas latas velhas e amassadas. Pego, colocando-o em cima do capô e subindo para me sentar. Ligo. Estática. Tento arrumar alguma estação que esteja de fato funcionando. Um locutor anuncia a próxima música a ser tocada: *To All of You*, de *Syd Matters*.

O som do velho rádio, abafado e chiado, me enche de uma sensação no qual não consigo nem pensar ser capaz de sentir. Como se só existíssemos nós duas. Aqui. Neste lugar, no qual um dia chamamos de lar em um momento não muito distante de agora. Um lugar que um dia foi seu paraíso na terra. Sua terra perdida.

A porta do carro se abre, mas não ouço o som dela fechando. Chloe se senta ao meu lado. Ela olha para o céu. Queria poder ler seus pensamentos. Conserta tudo como nas outras vezes em que fiz. Te salvando de todo *mundo*. Como conseguimos chegar *aqui*? Nós duas. Eu já te salvei tantas vezes que, no final, me esqueci de *me* salvar, de salvar *você*.

— Não sei se consigo fazer de novo. — Olho para o horizonte, imaginando o que pode nos esperar no futuro.

— Não tem problema Max. Seus poderes podem não durar para sempre, mas nós sim. — Ela segura minha mão por um momento antes de me oferecer um pacote com batatas. Pego um pouco.

Comemos em silêncio. O vento sopra sobre nossos corpos, trazendo consigo o som dos pássaros à distância e de um cervo desaparecendo entre as árvores para um lugar no qual não podemos vê-lo.

Nós costumávamos pensar que éramos piratas. Piratas em alto mar em busca de tesouros que nunca foram encontrados. Lembro das manhãs com pilhas de panquecas. O cheiro do café sendo feito. Eu acordando em seu quarto com seu cabelo, quando grande, enchendo meu rosto. Me lembro do cheiro que tinha em seu quarto: giz de cera com ovos mexidos em uma manhã de domingo.

A música acaba. O som do rádio se perde em estática novamente.

— Vamos. — Chloe pula do capô andando em direção ao seu antigo esconderijo. Decido segui-lá.

O lugar não está como da última vez em que estivemos aqui. Parece que Chloe deve ter vindo em algum momento. Uma cadeira, que costumava a ficar a

um canto com alguns jogos de mesa em cima, está jogada do outro lado do pequeno aposento. Ainda resta um enorme tapete de elefante que ocupa metade da parede. Alguns panfletos e fotos, antes pregados à parede, estão espalhados pelo chão, rasgados e pisoteados. Os grafites ainda preenchem uma boa parte do lugar.

Chloe virá para um em específico no qual contém nossa assinatura e de Rachel. Ela puxa uma caneta permanente do cós da calça, desenha um grande círculo sobre os nomes escrevendo logo abaixo “Já estiveram aqui”, e se vira para sair.

Entramos no carro. O ar não está mais abafado. Uma brisa entra pelas janelas bagunçando nossos cabelos. Queria poder ligar o rádio. Tentar ouvir algo. Ligo. O antigo som de chio aparece se perde em alguma onda. Uma música, no qual seu nome não foi anunciada, passa devagar ao fundo. A pessoa do fundo canta sobre uma tempestade que está chegando. Sobre alguém que decidiu ficar e jura não sair mais do lado de outra pessoa, lutando para está ali, com ela, até o fim.

Chloe dá ignição no carro soltando um ronco e, por fim, ligando. Ela o direciona para a saída do lixão. Para longe daqui.

Percorremos a estrada para fora da cidade. Para além disso. Seguimos o rumo para para longe.

Depois de tanto lutar e navegar por essas águas traiçoeiras, no final, percebemos que Arcadia Bay talvez não seja mais uma ilha de tesouros e aventuras pela qual um dia procuramos. Ela virou uma lenda, uma história sobre o alto mar, com seus mistérios e desejos enterrados bem fundo, uma vez já descobertos. E nós, fomos apenas os personagens dessa grande aventura, os piratas a lutar contra essas águas desconhecidas antes e depois da tempestade.